

PAPÉIS CRUZADOS: O ESTRUTURALISMO NOS REGIMES AUTORITÁRIOS A LESTE E OESTE DE GREENWICH.

Eduardo José Tollenda¹

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão sobre a expansão dos estudos literários no século XX, com ênfase no desenvolvimento da crítica estruturalista, cujo contraponto é a crítica marxista, procurando mostrar como o peso político deste tempo histórico fez com que estruturalistas e socialistas atuassem sob rígido controle ideológico, tácito ou normativo. Casos deslindados como exemplares são o do Brasil e da Bulgária. No primeiro, o resultado desta interferência é a despolitização da crítica sociológica. No segundo, inversamente, observa-se o surgimento de uma consciência política, no campo da linguística estrutural, como forma de resistência ao determinismo da crítica marxista.

Palavras-chave: Estruturalismo, regimes totalitários, estudos literários.

Abstract: This article reflects about the literary studies expansion in the 20 th century, emphasizing the development of structuralist criticism, that counterpoints the marxist criticism, in order to demonstrate how the political strength of this period induces the structuralists and socialists to act under rigid ideological, tacit or normative control. Brazil and Bulgaria are exemplar cases, the first one because the result of this interference is the sociological critical depoliticization, and the second one where, inversely, it can be seen the beginning of a political conscience in the structural area, as a way of resistance against marxist determinism.

Keywords: Structuralism, totalitarian regimes, literary studies.

1. Introdução

A história dos estudos literários no século XX, a leste e oeste de Greenwich, foi uma história de duas radicalidades, de um movimento de politização da crítica concomitante a outro, em que o labor crítico se volta para a materialidade da linguagem literária indiferente à sua condição de prática socialmente determinada. Marxismo e estruturalismo, respectivamente, são as feições que a crítica, com inúmeras variantes, tomou e consagrou ao longo da expansão dos estudos literários no século XX.

O Estruturalismo, por estar enraizado nas teorias do formalismo russo, começa a constituir-se, de fato, no sintomático ano de 1929, com a formação do Círculo Linguístico de Praga; a crítica marxista ganha impulso a partir de 1934, quando o Partido Comunista organiza, sob as ordens de Stalin, direção

¹ Doutor em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor associado 2 da Universidade Federal de Uberlândia.

de Zdanov e apoio moral de Máximo Gorki, o primeiro congresso internacional de escritores soviéticos. Nas periferias da civilização ocidental desenvolvem-se, com especificidade própria, os dois movimentos, desnecessariamente antagônicos², em função das exigências dos regimes totalitários então estabelecidos, seja nas repúblicas soviéticas dos Bálcãs, seja nas ditaduras latino-americanas.

A crítica marxista, sobretudo em sua versão rarefeita como Sociologia da Literatura ou Análise Sociológica, desenvolve-se no Brasil e na América desde a década de 1930, como “reflexo” da política cultural dos PCs, encontrando espaço de atuação no jornalismo cultural, além do autodidatismo, dando respaldo ao fenômeno de politização da criação artística e literária do continente. O advento do Estruturalismo é posterior, datado dos anos 1950 e 60, ganhando lugar inicialmente pela divulgação da Nova Crítica norte-americana e, posteriormente, dos teóricos franceses e “soviéticos”, encontrando espaço de desenvolvimento na institucionalização dos estudos superiores de literatura nos recém-fundados Cursos de Letras.

O peso político deste tempo histórico fez com que estruturalistas e socialistas atuassem sob rígido controle ideológico, tácito ou normativo, e disso dois casos merecem atenção: o do Brasil e da Bulgária. Enquanto no primeiro o resultado desta interferência, com o advento do Estruturalismo, é a despolitização da crítica sociológica, de inspiração marxista, então vigente, no segundo, observa-se o surgimento de uma consciência política, no campo da linguística estrutural, como forma de resistência à imposição da crítica marxista. O depoimento de importantes professores, que vivenciaram os períodos ditatoriais do Brasil e da Bulgária, nos permitirá, uma vez que nos determos em torno das ressonâncias do Estruturalismo nos respectivos países, levantar de forma mais precisa a hipótese dos papéis cruzados, representados por essa teoria e sua crítica, sob a égide do capitalismo e do socialismo

² Ver TOLLENDAL, Eduardo José. “Quando as paralelas se encontram: tendências da crítica literária contemporânea”. *Letras&Letras*, v. 7, n. 1-2, Uberlândia: EDUFU, 1993, p. 39-62.

2. O Estruturalismo no Brasil

Em 1973, o professor Affonso Romano de Sant'Anna publica o livro *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. Com esta obra, pretendia introduzir em seus cursos de pós-graduação em literatura não só “uma certa técnica de operacionalizar a análise estrutural” (Sant'Anna, 1973, p. 9) como vê-la aplicada ao estudo da literatura brasileira, permitindo a revisão de seus modelos paradigmáticos. Apesar de, pessoalmente, preferir em seus cursos o método do diálogo (o mais eficaz desde Platão) “esvaziado dos trejeitos retóricos”, trejeitos muitas vezes constituintes da crítica estruturalista, o professor reconhece que o Estruturalismo e seus métodos têm “virtudes”, não somente “contradições”, sendo por isso úteis ao preencherem um “vazio” e representarem um avanço em relação aos “métodos até então vigentes de compreensão do texto” (Sant'Anna, 1973, p. 11-12)³.

Privilegiando o texto (ou discurso) como objeto, o estruturalismo permitiria – vale ressaltar – até mesmo a crítica política mais refinada; pois, “aí se pode localizar a proximidade ou o distanciamento do texto em relação a uma determinada ideologia tanto dentro da série social quanto da série literária” (Sant'Anna, 1973, p. 13). Diante disso e a favor da aplicação do novo método ao estudo da literatura brasileira, o professor coloca-se contra a tendência limitada, talvez dominante, de fazer da prática estruturalista um exercício retórico com um fim em si mesmo, indiferente à sua verificação na escala do objeto, reduzido a “discussões teóricas rebarbativas” amplamente divulgadas nas revistas acadêmicas (Sant'Anna, 1973, p. 11). Diz o professor: o transplante “puro e simples” de métodos aplicados por Todorov [e outros] “não era a atividade mais apropriada à prática pedagógica” (Sant'Anna, 1973, p. 12). Para Affonso Romano, o método sem aplicação era um equívoco intelectual.

³ A professora argentina Cláudia Gilman – no capítulo “Poéticas e políticas de los géneros”, da obra *Entre la pluma y el fusil* (2003) – irá apontar a contribuição do Estruturalismo tanto para a melhoria da crítica quanto da criação literária, em todo o continente latino-americano. Para ela, a crítica estruturalista, a partir dos anos 1960, participou da construção de “critérios de validade” (2003, p. 309) estética e ideológica que contribuíram para que “la nueva novela” apresentasse uma feliz adequação entre forma experimental e conteúdo realista, ultrapassando com êxito todos os outros gêneros e alcançando – como assinalou Roa Bastos – a altura das grandes literaturas do mundo.

Nos meios acadêmicos, apesar das ressalvas inequívocas, o método se impunha como totalitário, dominava os espaços de atuação com o prestígio da sua eficiência e da sua complexidade, muitas vezes meramente terminológica, pondo sob suspeita ou exclusão procedimentos críticos alternativos ou mesmo complementares, tais como a crítica política, cuja discriminação (ou criminalização?) em vez de um refinamento crítico, naquela década, representava não só um impedimento para a vida profissional de muitos professores como um perigo para sua liberdade individual. Parece haver, por trás do desvirtuamento do método, segundas intenções. Diz o professor, em certo momento, referindo-se à Estilística, mas implicitamente denunciando o totalitarismo teórico: “Não posso compreender que raciocínio tão binário (...) é esse que leva a relegar uma corrente teórica apenas por apego a outra” (Sant’Anna, 1973, p. 14).

Seria mero “apego”? Declaradamente, o professor Affonso Romano não deseja polemizar. Mas, evidentemente, sabe quais são as determinações no campo do poder ao dizer que não autorizava ninguém a considerá-lo um estruturalista, já que seu “empenho na aplicação do método não se confunde com [sua] inclusão em partidos ou credos” (Sant’Anna, 1973, p. 15). E acrescenta um comentário inegavelmente polêmico:

Não se confunda a atividade profissional com carência afetiva que faz com que indivíduos se unam evangelicamente em torno de um líder ou ideia. É bem possível que dentro da cena brasileira o Estruturalismo tenha se convertido numa tábua de salvação para aqueles que tiveram que substituir valores apressadamente num certo momento de desorientação política ou existencial (Sant’Anna, 1973, p. 15).

O propósito de neutralidade do autor – “acho prova de imaturidade intelectual e emocional a atitude daqueles que ‘de dentro’ do Estruturalismo advogam que somente certas (as suas) posições são as verdadeiras (sic)” (Sant’Anna, 1973, p. 15) – antes aponta a cizânia então estabelecida na vida acadêmica brasileira entre estruturalistas e não-estruturalistas, além da perseguição àqueles que foram levados a “substituir valores apressadamente” como forma de “salvação”. E contra os totalitarismos de qualquer teor, o professor, com clareza, conclui: “(...) mede-se a seriedade de um pensador

pelo grau de desconfiança que ele mesmo tem daquilo que é levado a afirmar como verdadeiro” (Sant’Anna, 1973, p. 15).

Dois anos após a edição do livro do professor e poeta Affonso Romano, no auge da avalanche estruturalista nos cursos de Letras do Brasil, o professor e diplomata José Guilherme Merquior – ex-aluno “titular” do antropólogo estruturalista Lévi-Strauss e professor da Universidade de Brasília – fez publicar e republicar, em 1975, o “panfleto” *O estruturalismo dos pobres*⁴, em que sugere ser o método estrutural responsável por certa superficialidade alcançada pelos estudos literários. Os pobres seríamos nós do terceiro-mundo, povos e nações em desenvolvimento, submetidos não só à exploração capitalista quanto ao imperialismo cultural, salvo raros casos de atitude intelectual e artística antropofágica. Para Merquior – numa linguagem que se desfaz dos cuidados do professor Affonso Romano – a avalanche estruturalista era uma catástrofe. Num rasgo de generosidade, afirma peremptoriamente: “Não é à toa que a universidade brasileira menos atraída pelo delírio estruturalóide – a USP – é a mais sedimentada, a mais amadurecida de nossas instituições do gênero.” (Merquior, 1975, p. 14).

Já na introdução de seu texto há uma reflexão, entre o deboche e a ironia, em que fica exposta a impressão de que o estruturalismo impunha um novo código de escrita, a ser apressadamente assimilado e praticado em forma de jargão acadêmico pelo domínio de um novo paradigma conceitual e terminológico, constituindo, portanto, nos estudos literários, um grande desafio de atualização teórica e ideológica para os jovens estudantes brasileiros.

Se você quer estudar letras, prepare-se: que ideia faz você, já não digo da metalinguagem, mas, pelo menos, da gramática generativa do código poético? Qual a sua opinião sobre o rendimento, na tarefa de equacionar a literariedade do poemático, de microscopias montadas na fórmula poesia da gramática/gramática da poesia? Quantos actantes você é capaz de discernir na textualidade dos romances que provavelmente (tres-)leu? E que me diz do “plural do texto” de Barthes – é possível assimilá-lo ao genotexto da famigerada Kristeva? Sente-se você em condições de detectar o trabalho

⁴ MERQUIOR, José Guilherme. *O Estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 14-17. Originalmente publicado no Jornal do Brasil de 27 de janeiro de 1974.

do significante no *nouveau roman*, por exemplo, por meio de uma “decodificação” “semanalítica” de bases glossemáticas? Ou prefere perseguir a “significância”, mercê de alguns cortes epistemológicos, no terreno da forclusão, tão limpidamente exposta no arquipedante seminário de Lacan?” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Pelo exagero da forma, Merquior pretende atingir nem tanto os autores em destaque e suas teorias instauradoras de um novo pensar crítico, mas o açodamento observado na divulgação de teorias que, mal traduzidas e mal compreendidas, levavam “primeiranistas” de letras (com quem parece solidarizar-se⁵) a perder a noção do bom senso, da subjetividade, da sinceridade, da autoria da própria escrita, para submergir num cipoal terminológico, de onde emergem textos críticos que, antes de mostrar a compreensão do objeto, emprestam aos jovens estudantes falsos ares de entendidos, permitindo-lhes ocultar na verborragia um conhecimento e uma prática que evidentemente não dominam.

A avalanche estruturalista – o diz Merquior – “não se restringe ao campo literário”, mas varre igualmente a “área inteira” do jornalismo, da filosofia e das ciências humanas, em que todos aprendem muito cedo, antes até das primeiras leituras formadoras, a “questionar o Ser através de colocações heideggerianas, com grande luxo de trocadilhos etimológicos tão solenes quanto ridículos” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Isto posto, Merquior contextualiza o fenômeno, denuncia nossa faina imitadora e considera nossa “pura ingenuidade”. Afinal, o estruturalismo encontrava-se “tão superado quanto a estilística; (...) faleceu em 1968, assassinado por Chomsky e pelo movimento de maio” (Merquior, 1975, p. 14-17). Em seguida, retoma no panfleto o tom do sarcasmo para acusar o provinciano e a incompetência do nosso precário sistema intelectual:

Você não viu *A Estrutura Ausente*, do Umberto Eco? Já está circulando, traduzida para uma língua vagamente aparentada com o português. Compre logo, e leia se puder: porque quem não se informa não comunica, e quem não comunica se

⁵ Digo ‘parece’ porque Merquior irá referir-se mais adiante a seus alunos de pós-graduação como ignaros e analfabetos, a quem o Estruturalismo teria “salvo” com sua metodologia de aplicação mecânica.

estrumbica, conforme adverte o sábio Chacrinha (cada povo tendo o Mc Luhan que merece) (Merquior, 1975, p. 14-17).

Pode-se dizer que o alvo de Merquior não é a teoria estruturalista, mas o uso que dela fizemos nos cursos de Letras – questão identificada por Affonso Romano e que o leva, numa atitude positiva, a rever o método. Merquior acusa (lembrando algumas declarações do professor Luiz Costa Lima⁶) nosso descuido na formação erudita dos alunos, ao dizer que “pós-graduandos incrivelmente ignaros, outrora incapazes, por simples analfabetismo, de empreender a interpretação de obras pejadas de referências culturais, agora se entregam sem nenhuma inibição à volúpia de aplicar a torto e a direito modelos ‘científicos’ de análise” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Merquior se coloca, então, contra o “terrorismo metodológico” – termo fortíssimo, numa época em que guerrilheiros eram demonizados como terroristas. Ataca a nova crítica, que se alimentaria do “mito do Modelo mecanicamente aplicável”, e ensurdece o venerável M.I.T., onde o “guru supremo da sofisticação linguística”, o *staretz* Roman Jakobson, reduz a poesia à “pura combinatória verbal”, considerando que “o único aspecto referencial extralinguístico” digno de atenção seria “a sua relação com as demais artes” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Seguindo a linha de ataques, Merquior menciona a “deplorável” competição encarniçada entre membros da “súcia” estruturalista. O estruturalismo mítico – diz – “usurpa o magistério humanista”, “o Saber estrutural se limita a devorar seus ídolos”; Derrida “derrubou com galhardia o próprio totem do novo credo: Saussure em pessoa”; até o *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guatari, “flor da sacação pós-estruturalista”, já vem sendo considerado uma regressão “descabeladamente metafísica” a posições pré-freudianas. Incontível, Merquior proclama, em desagravo ao mestre: “Lévi-Strauss já era; viva Lacan!” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Estaria Merquior, momentaneamente motivado por alguma questão pessoal, profissional, existencial ou ideológica (como supõe Affonso

⁶ Refiro-me à palestra proferida na UNB, em 2010, “A praga do beletrismo nos cursos de letras” –publicada anteriormente na revista Eutomia: revista on line de Literatura e Linguística. Ano 2, V. 2, 30/12/2009.

Romano de alguns pares) de atrito com egrégias instituições estadunidenses ou mesmo europeias para assim desancar eficientes avanços da crítica literária, como a intertextualidade, a metalinguagem, as vozes polifônicas e a técnica do *close reading*, que ajudaram a desencorajar os excessos e as imprecisões da crítica meramente impressionista ou reveladora de supostas influências? Além dessa, outra questão ainda se impõe: Que razões de momento teriam levado Merquior a publicar este virulento panfleto – ele que, não só dominava a teoria como a atualizava em seus estudos críticos?

Seja qual for a razão, este panfleto precisa ser relativizado por outras de suas publicações, sobretudo *Formalismo e tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura*, do mesmo ano de 1974, em que a tradição formalista é estudada competentemente. E este estudo tem suas ressonâncias no texto que o sucedeu quando, após alcançar o ponto máximo de desconstrução, Merquior abre espaço para a relativização e passa a considerar a diversidade de autores e tendências estruturalistas, “tão diferentes na inspiração quanto no grau de consistência de seus resultados”, valorizando os estudos comparados de Dumézil sobre a história das religiões, discípulo (como ele) do revolucionário Lévi-Strauss, que o reconheceria como um estruturalista *avant la lettre*; potencializando a problemática de Michel Foucault.

Quanto mais Merquior vitupera o Estruturalismo, mais seu texto revela que o problema é menos teórico do que prático: são os usuários abusados do método que obliteram a objetividade prescrita ao “ir ao texto” como pretexto. Sempre recorrendo à “censura insuspeita” de Lévi-Strauss, diz que a crítica estrutural, em vez de avançar laboriosamente na “inteligência do texto” projeta nele “as fantasias teórico-metodológicas” dos críticos parisienses e seus “entediantes discípulos”; a “mística da textualidade” mal encobre a arbitrariedade das interpretações; a “penúria” dos exames textuais e a “indigência” das análises imanentes tem sido a regra. E conclui, com humor e sarcasmo: “Tia Estilística, essa excelente senhora tão caluniada, era bem mais sensível, bem mais escrupulosa, em face do discurso poético.” (Merquior, 1975, p. 14-17).

Mais uma vez, o elogio não alcança a disciplina, mas seus praticantes: a estilística – diz – “era praticada por gente da sensibilidade e da cultura de um

Spitzer, um Auerbach ou um Augusto Meyer” – neste último a eleição de um conterrâneo, em detrimento de muitos outros, “universitariozinhos tecnocráticos de consternadora estreiteza mental”, como esses “sinistros jakobsonianos tupiniquins” (Merquior, 1975, p.14-17).

Merquior tem boas razões de crítica, sobretudo quando ataca nosso hábito de “macaquear abjetamente os piores (na avaliação dele) aspectos da cultura francesa” (Merquior, 1975, p. 14). Reconheço, contudo, que o autor perde-se em brincadeiras, ainda que seu ataque à proliferação, no Brasil, de precaríssimas universidades onde “os ignorantes se diplomam (...) às centenas” seja atualíssimo. Neste sentido, observa com propriedade, mas sem deixar de parecer contraditório, que a massificação do ensino na universidade brasileira, que se deseja “socialmente antielitista” por fidelidade ao imperativo da democratização do conhecimento, acaba por destruir o “legítimo aristocratismo intelectual” da universidade tradicional.

Merquior, contudo, não aborda a questão de política educacional que nos interessa pensar (sugerida por Affonso Romano): o uso e abuso do Estruturalismo pelo regime totalitário, como forma de se evitar a politização dos estudos literários no Brasil e na América⁷. Limita-se a insinuar que, por trás de uma não esclarecida “belicosidade ideológica”, podemos vislumbrar “uma conivência bem conformista com a situação crítica da intelligentsia latino-americana e, em particular, com a crise da educação superior” (Merquior, 1975, p. 14-17).

A suposição de uma relação mais direta entre a política educacional e o regime totalitário, com incentivo aos estudos estruturalistas como diversionismo intelectual e ideológico, é uma hipótese que aos poucos se mostra correta com maior clareza. Disso o testemunho do professor Alfredo Bosi, publicado em *Leitura de Poesia* décadas após a vigência da avalanche estruturalista, é exemplar:

⁷ Acredito que estudos sobre a atuação do Congresso pela Liberdade da Cultura, presidido por Afrânio Coutinho, diretor da FALE/UFRJ no início dos anos 1970, financiado por agências de fomento cultural norte-americanas, com o propósito de “atualizar e modernizar o pensamento da jovem elite intelectual brasileira, herdeira de uma sólida tradição de pensamento crítico do projeto capitalista na América Latina”, futuramente, poderão esclarecer melhor esta política educacional totalitária. Lembremos que, em 1971, a Sociologia e a Filosofia foram banidas do ensino médio por serem consideradas disciplinas “subversivas”.

Liam-se intensamente Jakobson e Todorov, Genette e Barthes, em 68, precisamente quando o radicalismo de esquerda espocava em Paris e periferias ao mesmo tempo que no Brasil a ditadura militar entrava pela fase do terror.

O ápice do estruturalismo coincidia com a explosão de todos os marxismos. Na França de maio de 68 uma revista como *Tel Quel*, obra coletiva de Sollers, Barthes, Kristeva e Derrida, engenhava meios e modos para fundir estruturalismo linguístico e materialismo, no que acompanhava, *mutatis mutandis*, os esforços de Louis Althusser para reler *O Capital* em uma chave resolutamente anti-historicista.

(...) Fora da USP, o estruturalismo vingou depressa e sem maiores contrastes. Virou propriamente moda. (Bosi, 1996, p. 32)

O estruturalismo foi assim, não por sua teoria mas pelo seu uso, instrumento e palco de regimes totalitários e no Brasil, onde “virou moda”, serviu, como Merquior insinua, à diminuição da acuidade crítica, como também à coação ideológica.

Apesar da virulência marcante em *O estruturalismo dos pobres*, às vezes gratuita e excessiva, talvez injusta, o crítico não deixa de pontuar equívocos de nossas políticas educacionais. Ler seu texto pode, assim, se tornar uma via de interesse para que nós, graduandos e pós-graduandos de hoje, possamos compreender melhor os interstícios conflituosos da recente Teoria da Literatura, nos precaver contra mistificações e nos aventurar com comedimento no belicoso terreno da crítica universitária. Assim sendo, justifica-se esta resenha.

3- O estruturalismo na Bulgária: o caso Zvetan Todorov

No início de sua carreira acadêmica, Zvetan Todorov fez uma opção mais sensata que apaixonada, por motivos imperiosos, ao eleger os estudos de linguística estrutural como área de pesquisa. Conquistava, assim, um campo de atuação menos sujeito à censura do regime totalitário búlgaro. Ao contrário do que se passara no Brasil ditatorial, onde o estruturalismo serviu à alienação em relação à realidade histórica da nação (como identifica Affonso Romano de Sant’Anna), correndo o risco de se aproximar de um processo de

desmobilização da inteligência crítica (como denuncia José Guilherme Merquior), o estruturalismo no contexto do teórico búlgaro implicou uma forma de resistência ao sistema e de afirmação da liberdade individual, uma vez que ali a crítica marxista era dominante e oficial.

Enquanto aqueles que se identificavam com os preceitos formalistas, gestados nas primeiras décadas do século XX, migraram, ou esconderam-se, para pensar livremente sua radicalidade, outra radicalidade, a marxista, resultava no estabelecimento – oficial, nos países soviéticos – do paradigma conhecido como Realismo Socialista. A oficialização deste paradigma, paradoxalmente, nos mostra como uma proposta revolucionária acaba no academicismo, levando ao engessamento da criatividade⁸.

É neste contexto de radicalizações que entra em cena o teórico Tzvetan Todorov – cujo nome veio a confundir-se com a própria ciência a que se dedicou nos seus anos de formação, do que obras como *Estruturalismo e Poética* são exemplares. Seu surpreendente depoimento – no capítulo “Avant-propos” do livro *La littérature en péril* – nos permite compreender como este antagonismo inútil entre tendências interferiu (felizmente, de forma não definitiva) na sua trajetória intelectual.

Todorov nasceu na Bulgária e frequentou a universidade de Sofia. Em 1956, concluiu o curso de Letras. Viajou depois para a França, para fazer pesquisa, onde decidiu permanecer. Em seu depoimento, aciona a memória remota para dizer que desde criança amava os livros de literatura, mas, como se sentisse incapaz de escrevê-los, resolveu que falar de livros seria sua profissão: seria crítico. Passemos à leitura deste depoimento, de 2007, sobre os anos de formação:

La Bulgarie faisait alors partie du bloc communiste et l'étude des humanités se trouvait sous l'emprise de l'idéologie officielle. Les cours de littérature étaient faits pour moitié d'érudition, pour moitié de propagande: les oeuvres passées ou présentes étaient mesurées à l'aune de la conformité au dogme marxiste-léniniste. Il fallait montrer en quoi ces écrits illustraient la bonne idéologie – ou alors, en quoi ils manquaient de le faire.

⁸ Ver o livro organizado por Luis Araquistain (1952), *Relato de um autor que necessita manter El anônimo anônimo*, em que se refere ao surgimento de um classicismo socialista e ao drama vivido pela vanguarda artística, com consequências fatais para Maiakovsky e outros.

Ne partageant pas la foi communiste mais n'étant pas non plus animé d'un esprit de révolte, je me réfugiais dans une attitude qu'adoptaient beaucoup de mes compatriotes: en public, acquiescement silencieux (...) aux slogans officiels; en privé, une vie intense de rencontres et de lectures, orientées surtout vers des auteurs qu'on ne pouvait soupçonner d'être les porte-paroles de la doctrine communiste (...).⁹ (Todorov, 2007, p. 9)

Neste contexto de patrulhamento ideológico rígido, Todorov situa sua adesão a um formalismo revisitado, ou seja, relido e atualizado pela crítica internacional de forma a gerar no terreno da teoria literária o que Alfredo Bosi intitulou de “virada neoforalista” (Bosi, 2007, p. 24). Para falar de literatura, como queria, sem se dobrar às exigências do Partido, engajou-se numa via de neutralidade, que lhe permitiria escapar à censura a partir da abordagem de objetos sem conteúdo ideológico, o que significava estudar as obras literárias focando a “materialidade mesma do texto, as suas formas linguísticas”. Diz Todorov:

J'ai donc choisi d'écrire mon mémoire en comparant deux versions d'une longue nouvelle d'un auteur bulgare, écrite au début du XXe siècle, et je me suis limité à l'analyse grammaticale des modifications qu'il avait apportées d'une version à l'autre: les verbes transitifs remplaçaient les intransitifs, le perfectif devenait plus fréquent que l'imperfectif... Mes observations échappaient ainsi à toute censure! Procédant de la sorte, je ne risquais pas d'enfreindre les tabous idéologiques du parti.¹⁰(Todorov, 2007, p. 9-10)

Vemos, assim, que o espaço de gestação e desenvolvimento do Estruturalismo se deve, em parte, no contexto em que atuava o estudioso

⁹ “A Bulgária fazia então parte do bloco comunista e o estudo das humanidades se encontrava sob a orientação da ideologia oficial. Os cursos de literatura eram feitos de metade erudição e metade propaganda: as obras do passado e do presente eram avaliadas na medida da conformidade ao dogma marxista-leninista. Era preciso mostrar em quê estes escritos ilustravam a boa ideologia – ou então, em quê eles deixavam de fazê-lo. Não compartilhando da fé comunista mas também não estando animado por um espírito de revolta, eu me refugiava numa atitude que adotavam muitos de meus compatriotas: em público, aquiescência silenciosa (...) aos slogans oficiais; em privado, uma vida intensa de achados e leituras, orientadas sobretudo para autores de quem não se podia suspeitar de serem porta-vozes da doutrina comunista (...)”(Todorov,2007, p. 9). A tradução, deste e de outros trechos a seguir mencionados, é de responsabilidade do autor do artigo.

¹⁰ “Então, eu escolhi escrever minha monografia comparando duas versões de uma longa novela de um autor búlgaro, escrita no início do século, e eu me limitei à análise gramatical das variantes, de uma versão para a outra; os verbos transitivos substituindo os intransitivos, o perfectivo mais presente que o imperfectivo... Minhas observações escapavam, assim, a qualquer censura! Assim procedendo, eu não corria o risco de violar os tabus ideológicos do partido.” (Todorov, 2007, p. 9-10)

búlgaro, a uma espécie de desobediência acadêmica, ou civil, ou teórica, contra as determinações dos comitês de cultura do PC. Motivações temerosas encaminham Todorov para os estudos formalistas.

Uma vez na França, Todorov pensou desenvolver seus estudos “com liberdade”, mesmo mantendo-se interessado nos estudos da linguagem literária como objeto isolado do contexto cultural em que se produz. Mas as coisas foram mais complicadas. Diz ele:

Au cours de mes études universitaires, j'avais pris l'habitude de repérer les éléments des oeuvres littéraires qui échappaient à l'idéologie : style, composition, formes, narratives, bref la technique littéraire. (...) en France, telle était la durée du passeport qu'on m'avait délivré, je voulais en profiter pour tout apprendre ces sujets: négligés, marginalisés en Bulgarie, où ils avait le défaut de mal servir la cause communiste (...). Or j'avais du mal à repérer un tel enseignement dans les facultés parisiennes. Les cours sur la littérature y étaient répartis par nations et par siècles (...). Un jour du mois de mai 1963, j'ai frappé à la porte d'un bureau de la Sorbonne, celui du doyen de la faculté de lettres (...). (...) il m'a demandé ce que je cherchais. Je lui ai répondu que je souhaitais poursuivre des études sur le style, sur le langage et la théorie littéraires – en général. – Mais on ne peut étudier ces matières en général ! Dans quelle littérature souhaitez-vous vous spécialiser? – Sentant que le sol se dérobaît sous mes pieds, j'ai marmonné un peu piteusement que la littérature française ferait l'affaire (...). Le doyen m'a regardé avec condescendance et m'a suggéré d'étudier plutôt la littérature bulgare avec l'un de ses spécialistes, qui ne devaient pas manquer en France.¹¹ (Todorov, 2007, p. 10-11-12)

Todorov é reconduzido, portanto, por informação do decano, a um ambiente de estudos em que a questão da nacionalidade, da historicidade, dos

¹¹ “No correr de meus estudos universitários, adquiri o costume de localizar os elementos das obras literárias que escapavam à ideologia: estilo, composição, formas narrativas, enfim a técnica literária. (...) uma vez na França, país onde reina a liberdade, eu queria aproveitar para tudo aprender sobre estes temas: negligenciados, marginalizados na Bulgária, onde eles tinham o defeito de mal servir à causa comunista (...). Ora, eu passei apertado para localizar o ensino desta matéria nas faculdades parisienses. Os cursos de literatura eram repartidos por nações e por séculos (...). Um dia do mês de maio de 1963, eu bati na porta de uma sala da Sorbonne, aquela do decano da faculdade de letras (...). (...) ele me perguntou o que eu queria estudar. Eu lhe respondi que queria dar continuidade a meus estudos sobre o estilo, sobre a linguagem e a teoria literárias – em geral. – Mas não se podem estudar estas matérias em geral! Em qual literatura você quer se especializar? [perguntou o decano] Sentindo o chão ceder sob meus pés, murmurei um pouco confuso que a literatura francesa seria um bom assunto. (...) O decano me olhou com condescendência e me sugeriu estudar mais que tudo a literatura búlgara, com um de seus especialistas, que não deveria faltar na França.” (Todorov, 2007, p. 10-11-12)

sistemas literários, com inevitável conotação ideológica, de que sempre quis livrar-se, tinha uma importância de princípio; é reconduzido, portanto, a uma crítica em que as questões de estilo e forma, que lhe interessavam, não podem ser estudadas se não se contextualizam num dado espaço cultural. Conteúdos históricos, nesta metodologia, são fundamentais e estão livres de censura.

Todorov, contudo, não saiu vencido deste encontro com o decano. Continuou seus estudos formalistas. Um dia, um professor lhe disse que conhecia alguém na Sorbonne que também se interessava “por estas questões um pouco estranhas” (Todorov, 2007, p. 12). Era Gérard Genette, que levou Todorov a Roland Barthes. Estava formada a tríade estruturalista.

Juntamente com Genette, de quem se tornou amigo e de quem recebeu estímulo para traduzir e publicar na França os textos dos formalistas russos, Todorov procurou interferir na orientação do ensino de literatura na universidade “pour le libérer de la grille des nations et des siècles, et l’ouvrir à ce qui rapproche les oeuvres les unes des autres”¹² (Todorov, 2007, p. 13).

Os anos passaram, Todorov não voltou à Bulgária; antes, tornou-se cidadão francês. “J’ai commencé à voter et à lire le journal, m’intéressant à la vie publique un peu plus que je ne le faisais en Bulgarie, puisque je découvrais que cette vie n’était pas nécessairement soumise aux dogmes idéologiques, comme dans les pays totalitaires”¹³ – diz Todorov (2007, p. 13). A França parecia-lhe efetivamente uma democracia pluralista. Esta constatação, aos poucos assimilada, de que vivia num espaço de liberdade viria influir nas futuras opções por um método de abordagem literária:

(...) la pensée et les valeurs portées par chaque oeuvre n’étaient plus emprisonnées dans un carcan idéologique préétabli, il n’y avait plus de raison de les mettre de côté et de les ignorer. Les causes de mon intérêt exclusif pour la matière verbales des textes avaient disparu. (...) Depuis ce moment, au milieu des années soixante-dix, j’ai perdu aussi mon goût pour les méthodes d’analyse littéraire et je me suis attaché à l’analyse elle-même, donc aux rencontres avec des auteurs. À partir de là, mon amour de la littérature ne se trouvait plus limité

¹² “para liberá-lo dos grilhões das nações e dos séculos e abri-lo para aquilo que aproxima as obras umas das outras” (Todorov, 2007, p. 13)

¹³ “Eu comecei a votar e a ler jornal, interessando-me pela vida pública um pouco mais do que eu o fazia na Bulgária, desde que eu descobria que esta vida não estava necessariamente submetida aos dogmas ideológicos, como nos países totalitários” (Todorov, 2007, p. 13)

par l'éducation que j'avais reçue dans mon pays totalitaire. (...) Puisque les idées des auteurs retrouvaient toute leur force, j'ai voulu, pour mieux les comprendre, m'immerger dans l'histoire de la pensée concernant l'homme et ses sociétés, dans la philosophie morale et politique.¹⁴ (Todorov, 2007, p. 13-14)

Este novo interesse por uma literatura que fala do homem para o homem, ventila ideias, inventa o mundo, representa a história e se interessa pela vida, transforma o próprio conceito de literatura que Todorov, laboriosamente, durante anos, havia elaborado. Diz ele, agora:

Les textes que je lisais, récits personnels, mémoires, ouvrages historiques, témoignages, réflexions, lettres, textes folkloriques anonymes ne partageaient pas avec les oeuvres littéraires le statu de fiction, puisqu'ils décrivaient directement des événements vécus¹⁵. (Todorov, 2007, p. 15)

Eis uma fala extremamente problemática para um ex-formalista: dizer que o texto descreve diretamente o vivido. O importante, contudo, para Todorov, é que estes textos não-ficcionais, assim como as obras literárias, lhe permitiam descobrir dimensões desconhecidas da humanidade, que emocionavam levando a pensar na voz de seus autores. Todorov pode, então, responder à grande questão: se alguém lhe perguntar por que ele ama a literatura, responderá: “parce qu'elle m'aide à vivre”¹⁶ (Todorov, 2007, p. 15).

Plus dense, plus éloquente que la vie quotidienne mais non radicalement différente, la littérature élargit notre univers, nous incite à imaginer d'autres manières de le concevoir et de l'organiser. (...) Elle nous procure des sensations irremplaçables qui font que le monde réel devient plus chargé de sens et plus beau. Loin d'être un simple agrément, une distraction réservée aux personnes éduquées, elle permet à

¹⁴ “(...) o pensamento e os valores trazidos por cada obra não estavam mais aprisionados numa coleira ideológica pré-estabelecida, não havia mais razão para pô-los de lado e ignorá-los. As causas do meu interesse exclusivo pela matéria verbal dos textos tinham desaparecido. (...) Desde este momento, em meados dos anos 70, eu perdi o gosto pelos métodos de análise literária e me apeguei à análise em si, ou seja aos encontros com os autores. A partir daí, meu amor pela literatura não se encontrava mais limitado pela educação que eu havia recebido em meu país totalitário. (...) Uma vez que as ideias dos autores reencontravam toda a sua força, eu queria, para melhor compreendê-los, imergir na história do pensamento, concernente ao homem e suas sociedades, pela filosofia moral e política.” (Todorov, 2007, p. 13-14)

¹⁵ Os textos que eu lia, narrativas pessoais, memórias, obras históricas, testemunhos, reflexões, cartas, textos folclóricos, anônimos, não dividiam com as obras literárias o estatuto de ficção, porque eles descreviam diretamente acontecimentos vividos. (Todorov, 2007, p. 15)

¹⁶ “porque ela me ajuda a viver” (Todorov, 2007, p. 15)

chacun de mieux répondre à sa vocation d'être humain¹⁷.
(Todorov, 2007, p. 15-16)

Os anos de convívio, supostamente involuntário, com a teoria formalista não esmoreceram em Todorov seu proclamado amor pela literatura propriamente dita. Neste sentido, o teórico franco-búlgaro virá fazer uma surpreendente avaliação do espaço prioritário concedido à teoria e à crítica nos estudos literários, ao dizer que “à l'école, on n'apprend pas de quoi parlent les oeuvres mais de quoi parlent les critiques”¹⁸. E acrescenta – no capítulo seguinte a “Avant-propos”, intitulado “La littérature reduite à l'absurde”:

Dans toute matière scolaire, l'enseignant est confronté à un choix – si fondamental qu'il lui échappe la plupart du temps. On pourrait le formuler ainsi, en simplifiant un peu pour les besoins de la discussion : enseignons-nous un savoir portant sur la discipline elle-même ou bien sur son objet? (...) étudie-t-on, avant tout, les méthodes d'analyse, qu'on illustre à l'aide d'oeuvres diverses? Ou étudie-t-on des oeuvres jugées essentielles, en utilisant les méthodes les plus variées? Où est le but, et où le moyen? Qu'est-ce qui est obligatoire, qu'est-ce qui reste facultatif?¹⁹ (Todorov, 2007, p. 19)

A posição de Todorov é oportuna. Precisamos ter consciência de nossas escolhas. Reitero, entretanto, que este comentário (meu e dele) não deve ser compreendido como proposta de descarte da teoria, mas como manifestação contrária ao sequestro da literatura nos cursos de Letras. Para Todorov, após este exercício revisionista, tanto é preciso reconduzir a literatura à ordem dos discursos de conteúdo, como é preciso resgatar a literatura nos estudos literários. Acrescento que o resgate da história e da literatura não deve levar ao

¹⁷ “Mais densa, mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, nos incita a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. (...) Ela nos proporciona sensações insubstituíveis, que fazem com que o mundo real torne-se mais carregado de sentido e mais belo. Longe de ser um simples arranjo, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite a cada um compreender melhor sua vocação de ser humano.” (Todorov, 2007, p. 15-16)

¹⁸ “na escola, não se aprende de que falam as obras mas de que falam os críticos”

¹⁹ Em toda matéria escolar, o professor é submetido a uma escolha – tão fundamental que ela lhe escapa a maior parte do tempo. Poderíamos formulá-la assim, simplificando um pouco para as necessidades da discussão: nós ensinamos um conhecimento voltado para a disciplina em si ou para o seu objeto? (...) estudamos, antes de tudo, os métodos de análise, que a gente ilustra com a ajuda de obras diversas? Ou estudamos as obras julgadas essenciais, utilizando os métodos mais variados? Onde está o objetivo, onde está o meio? O que é obrigatório, o que é facultativo? (Todorov, 2007, p. 19)

abandono das teorias formalistas e estruturalistas – instrumento eficaz da atividade crítica voltada para a produção dos sentidos.

4- Considerações finais

De subversivo e transgressivo, na Bulgária, o estruturalismo tornou-se oficial e alienante no Brasil, representando assim papéis opostos, cruzados, nestes contextos exemplares da força limitadora dos autoritarismos socialista e capitalista, respectivamente. Crítica e literatura especializaram seu discurso, atendendo a expectativas inibidoras do significado. E esta sofisticação não foi acompanhada pelo público, que delas desinteressou-se. Mas se a literatura precisa de algum público para respaldar-se socialmente, o sequestro da literatura pela crítica especializada pode ser contraproducente.

O crítico mineiro Afonso Ávila, contemporâneo das renovações críticas e teóricas dos anos 60, conhece bem o problema. Num reconhecido ensaio sobre o poeta e a consciência crítica, faz algumas colocações em que avalia positivamente a importância do formalismo, mas não deixa de – à maneira de Todorov – retornar à oportuna consideração de que os estudos formalistas estejam voltados para a compreensão da literatura como prática social ideologicamente referendada. Diz Afonso Ávila:

É certo que uma nova mentalidade surgiu com o criticismo, com a implantação da análise estrutural, mentalidade que passa a imprimir, também no Brasil, uma direção de maior rigor ao exercício da crítica. Porque nossos críticos e historiadores literários, à falta de um critério diretivo, vinham até agora elegendo como método muitas vezes a impressão subjetiva e o veredito do gosto fácil, reiterando e consagrando com isso uma opinião sem apoio nos dados estéticos, insensível e alheia ao teor crítico de que se reveste a verdadeira obra de arte. (Ávila, 1969, p. 49)

A crítica brasileira – afirma Ávila – a partir dos anos 60, cimentada no rigor da moderna análise estrutural e alheia aos “tabus e juízos firmados”, habilita-se a reescrever a história da literatura brasileira e a estabelecer uma nova tradição. Esta nova mentalidade – diz – permitiu aos irmãos Campos ler a obra de Sousândrade, relegada ao desconhecimento durante cem anos por

incapacidade total dos nossos críticos para lidar com um “fato estético novo”, que vinha baralhar a impressão costumeira e perfunctória, o gosto fácil e o sentido evidente.

Isto posto, Ávila reconhece que a estrutura poética não se reduz à linguagem em seus estratos semântico, sintático e sonoro, mas inclui o comportamento do artista diante da realidade, de onde emergem seus temas, assim como implicações de ordem social e vivencial que condicionam (verbo que persistentes formalistas rejeitam) a sua atitude criadora. Donde se conclui que, para Ávila, a forma poética tem um componente histórico incontestável. Eu concordo.

O Estruturalismo não é um mal. Ao contrário, é certamente o mais eficaz dos métodos de investigação científica em todas as áreas do conhecimento – incluindo-se os estudos literários. Sua expansão universal como teoria se deu, sobretudo, entre o pós-guerra europeu e no período das ditaduras na América. O peso político deste tempo, dando a toda ação cultural um significado ideológico, fez com que os estruturalistas atuassem sob controle ideológico. No Brasil, contra a politização da crítica sociológica, gerou alienação; na Bulgária, contra o determinismo da crítica marxista, gerou uma área de atuação libertária. Chegado o nosso tempo, podemos, como sugerem autores como Affonso Ávila e Todorov, enfim desestigmatizar os opostos, avaliar e receber as melhores contribuições que a teoria e a crítica do século XX deixaram como legado e caminho para a leitura e estudo de textos literários.

Referências bibliográficas

ARAQUISTAIN, L. Prólogo In: *El realismo socialista: una crítica de la estética comunista ortodoxa por un autor soviético que necesita conservar el anónimo*. (Biblioteca de la Libertad 4) Buenos Aires: Asociación Argentina por la Libertad de la Cultura; S. A. Editorial Bell, agosto de 1952.

ÁVILA, Afonso. “Sousândrade: o poeta e a consciência crítica”. In: *O poeta e a consciência crítica*. Petrópolis: Vozes, 1969.

BOSI, Alfredo (org.). *Leitura de Poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionário em América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2003.

KRISTEVA, J. . "A Expansão da Semiótica". In: *Ensaio de Semiologia I*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971

KRISTEVA, J. "Poesia e Negatividade". In: *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva, 1974.

MEIRA, Caio. "Apresentação à edição brasileira". In: Todorov, Zvetan. *A literatura em perigo*. (tradução de Caio Meira). Rio: DIFEL, 2009, p. 7-12.

MERQUIOR, José Guilherme. *O Estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, pp. 17-14.

MERQUIOR, José Guilherme. Formalismo e tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo, EDUSP, 1974.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Prefácio à 5ª edição, Introdução. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SCHNAIDERMAN, B. "Prefácio". In: EIKHENBAUM, B. et alii, *Teoria da Literatura. Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

TODOROV, Tzvetan. *La littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007.

TROTSKY, L. "A escola poética formalista e o marxismo". In: *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.